

A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA SIGNIFICATIVA DE LEITURA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



NÁDIA IRINA RAMOS PRADO

Graduação em pedagogia pela Faculdade Anhanguera (2011); Especialista em educação especial e inclusiva pela Faculdade São Luís (2022); Professora de Ensino Fundamental e Educação Infantil - na EMEF Professor Renato Antônio Checchia.

RESUMO

O conceito de alfabetização tem sido amplamente utilizado por profissionais da área educacional desde os anos 1980. Mais do que apenas "aprender a ler e escrever", a alfabetização envolve dominar a linguagem escrita e aplicá-la em diferentes contextos sociais. A utilização de materiais didáticos desatualizados está relacionada ao insucesso escolar, uma vez que o processo de aprendizagem é único e progressivo para cada indivíduo. A habilidade de ler e escrever efetivamente se desenvolve ao trabalhar com diversos tipos de textos que são relevantes socialmente no contexto específico de cada grupo de alunos. A repetição de frases sem sentido prejudica o desenvolvimento da compreensão de texto pelos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Letramento; Leitura Significativa.

INTRODUÇÃO

Atualmente é frequente ouvirmos que as crianças contemporâneas não demonstram interesse pela leitura. Muitas delas não se sentem motivadas pelos pais ou pela escola. No entanto, além do estímulo, os professores precisam integrar as práticas sociais de leitura em sala de aula, utilizando vocabulário e textos que sejam relevantes no contexto social de seus alunos durante o ensino de leitura e escrita. Não se trata de uma tarefa simples como seguir um currículo padronizado; requer reflexão por parte dos educadores.

Ensinar simplesmente a decodificar palavras, frases e textos não é suficiente. É essencial formar leitores. Para se tornar um leitor, além do hábito de ler, é necessário participar ativamente de práticas sociais de leitura.

A teoria da psicogênese da escrita, elaborada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979), representa a teoria mais moderna e amplamente aceita sobre alfabetização e letramento. A escrita passa a ter um significado filosófico, respeitando os aspectos cognitivos. Piaget define o sujeito cognoscente como aquele que busca conhecimento e tenta compreender o mundo ao seu redor, enfrentando as dúvidas que surgem desse mundo. As pesquisadoras também consideram a criança como um sujeito cognoscente, pois buscam aprender os conceitos da escrita. As hipóteses de leitura e escrita das crianças são construídas com base em teorias lógicas e coerentes que devem ser reconhecidas pelo professor. O desenvolvimento do pensamento do estudante é o aspecto mais relevante.

Antes das pesquisas e teorias de Ferreiro e Teberosky, o educador brasileiro Paulo Freire desempenhou um papel fundamental. O renomado "Método Paulo Freire" foi aplicado pela primeira vez em 1963, na região de Angicos (RN), durante o processo de alfabetização e politização de jovens e adultos. Foi um marco na história da educação no Brasil, onde Freire introduziu o conceito de "palavras geradoras", vocabulário comum local utilizado no processo de alfabetização e letramento.

O estudo desses autores oferece um sólido embasamento para o trabalho da maioria dos educadores contemporâneos, pois atribui significado ao ato de ler e escrever, respeitando a diversidade dos estudantes.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA ALFABETIZAÇÃO

Desde os primeiros anos de vida, antes mesmo de iniciar a escola, o processo de alfabetização e letramento das crianças já se inicia. Desde tenra idade, as crianças formulam hipóteses e gradualmente refinam suas habilidades. Ao ingressarem na educação infantil, têm seu primeiro contato com o mundo da escrita tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Durante suas brincadeiras, observa-se a manifestação de comportamentos leitores: brincam de escrever, manipulam livros, revistas e outros materiais, imitando os adultos que as cercam. As garatujas e os grafismos primitivos, apesar de parecerem simples brincadeiras infantis, são na verdade representações carregadas de significado e hipóteses sobre a escrita. É possível identificar uma evolução nas representações feitas por uma mesma criança ao longo do tempo.

Segundo Morais (2012), as oportunidades de interação com práticas de leitura e escrita têm um impacto significativo no processo de apropriação do sistema alfabético e no desenvolvimento dos conhecimentos sobre a linguagem escrita. O ambiente que nos cerca pode ser considerado alfabetizador em razão da diversidade de formas, cores e imagens que oferece, mas para que seja efetivamente alfabetizador, a criança deve estar preparada para percebê-lo, o que ocorre quando seu senso de observação e curiosidade estão plenamente despertos. Nesse sentido, é crucial que os professores questionem seus alunos sobre esses conceitos preliminares da escrita que são construídos pelas próprias crianças. É importante explorar o que elas pensam sobre a escrita, qual seu propósito e sua importância. É fundamental compreender que não há uma prontidão universal para a alfabetização, e a crença nisso pode excluir alunos que não apresentam determinadas ha-

bilidades iniciais.

O acesso precoce ao alfabeto é de suma importância, pois ele serve como um recurso de apoio e consulta. Os alunos gradualmente assimilam a grafia das letras e a sequência alfabética como elementos perceptivos, o que possibilita a comparação e a elaboração de hipóteses sobre a linguagem escrita. O alfabeto deve ser visível para todos em letras grandes, tanto na forma impressa quanto cursiva, uma vez que ambos os estilos estão presentes no mundo que cerca as crianças. No cotidiano escolar, os estudantes estabelecem conexões entre letras e sons, entre as letras do alfabeto e as letras de seus nomes, assim como com as letras encontradas na rua, na televisão e dentro de suas casas.

Essas conexões iniciais entre letras e sons são fundamentais para o desenvolvimento inicial da alfabetização. Ao relacionar as letras do alfabeto com seus próprios nomes e com as letras encontradas em diferentes contextos, as crianças começam a perceber a utilidade prática da escrita e a entender que as letras representam sons específicos da fala. Essa compreensão é crucial para o próximo passo no processo de alfabetização, em que os pequenos começam a decodificar palavras simples e, gradualmente, textos mais complexos.

Além disso, é essencial que os educadores reconheçam a importância de um ambiente alfabetizador não apenas dentro das salas de aula, mas também fora delas. As crianças aprendem de maneira significativa quando estão imersas em um ambiente que valoriza a escrita e a leitura. Por exemplo, ao lerem placas de rua, menus de restaurantes ou mesmo ao escreverem pequenas notas, elas internalizam a ideia de que a escrita está presente em diferentes aspectos de suas vidas cotidianas. Esse tipo de exposição constante e variada é crucial para fortalecer as habilidades emergentes de leitura e escrita desde tenra idade.

O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

O termo "letramento" no Brasil surgiu na segunda metade dos anos 1980, trazendo novos insights sobre os aspectos práticos e sociais da linguagem escrita. Durante muito tempo, um aspecto crucial da alfabetização foi negligenciado no Brasil: a importância do uso funcional da alfabetização.

Embora Paulo Freire não tenha utilizado explicitamente o termo "letramento", suas contribuições representam uma filosofia educacional profundamente enriquecedora em comparação aos métodos de ensino tradicionais. Freire incorporou textos socialmente relevantes na prática didática, especialmente no nível alfabético.

Antes de detalhar os passos metodológicos, Freire introduziu o conceito de "palavra geradora", que é selecionada do vocabulário dos aprendizes. Esta palavra é utilizada com critérios temáticos, fonêmicos, motivacionais e de conscientização. Em seguida, as sílabas são decompostas e novas palavras são formadas a partir delas.

Os passos metodológicos desenvolvidos por Freire ao longo de sua carreira incluem:

1. Codificação: representação de uma situação vivida pelos alunos através da palavra geradora.
2. Descodificação: reinterpretação da realidade expressa na palavra geradora pelos estudantes.
3. Análise e síntese: compreensão de que a palavra escrita representa a palavra falada.
4. Consolidação da leitura e escrita: revisão da análise das sílabas e apresentação de suas famílias silábicas para a formação de frases com significado.

Além desses passos, é essencial que os estudantes "leiam o mundo" através das linguagens que já conhecem e exercitem suas competências comunicativas. Segundo Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra escrita. Para evitar que a leitura se torne mecânica, é fundamental que desde o início da alfabetização as palavras geradoras sejam utilizadas com significado. A linguagem escrita contribui para o desenvolvimento da consciência crítica dos indivíduos, permitindo uma reflexão sobre sua realidade e enriquecendo sua compreensão do mundo.

Nenhum aprendizado em escrita e leitura será significativo sem uma perspectiva de prática social. Desde o início, a prática de leitura e escrita deve ser contextualizada e fazer sentido para os estudantes. Inicialmente, as primeiras formas escritas significativas geralmente são seus próprios nomes, já grafados em materiais desde a educação infantil. Ao incorporar a escrita de seus nomes na rotina escolar diária, os alunos estabelecem intencionalidade e funcionalidade pessoal em relação à escrita.

No trabalho com cartilhas, muitas vezes os alunos decoravam palavras e as reproduziam repetitivamente. Isto não pode ser considerado aprender a ler e escrever, pois se torna um ato mecânico, repetitivo e cansativo. Além da questão fonética, o professor alfabetizador deve estar sempre disponível e atento para aguçar a sensibilidade e atenção das crianças para os materiais escritos, em situações que elas possam participar ativamente do processo de construção de hipóteses. Os alunos podem, em grupos, manusear revistas, jornais, folhetos e outros materiais impressos. Ainda em grupos, podem eles mesmos produzir esses materiais escritos, o que possibilitará novas hipóteses sobre a escrita. Seus trabalhos devem ser sempre expostos nas paredes da sala ou da escola, mostrando que todo material escrito tem um propósito. Quando este proposto atinge todas suas possibilidades, devem ser retirados para não perderem o sentido e a importância.

A rotina deve ser estabelecida com atividades permanentes (que se repetem de forma intencional e previsível como, por exemplo, o cabeçalho no caderno, no qual anotam a data, o nome da escola e mais algumas informações que a professora achar pertinente), atividades sequenciadas ou projetos (estratégias que atendem uma sequência de mediações) e atividades ocasionais (resgatando informações de interesse dos alunos e acontecimentos importantes da época).

Toda sala de aula deve haver um espaço com acesso livre a livros, revistas, jornais e outros materiais impressos, para que os alunos consultem quando tiverem em tempo livre. Espontaneamente ou como rotina, o professor deve familiarizar o aluno com a leitura feita por ele. Contação de histórias e outros gêneros, apenas por prazer ou para aguçar a curiosidade dos alunos sobre algum

assunto. Nestes momentos de prazer, não se deve criar uma lição sobre isso, para que os alunos assimilem a leitura espontânea como prazerosa.

A leitura compartilhada, em que cada indivíduo lê uma parte de um texto e pode adicionar comentários pessoais, cria condições para que haja atribuição de sentido por diferentes leitores. Os alunos aprenderão que nem todo mundo tem a mesma compreensão de um mesmo texto, e neste momento o professor deve intermediar e fazê-los enxergar que geralmente o autor escreveu seu texto com a intenção de apenas uma interpretação. Comentar o que se leu ou ouviu ajuda a atribuir sentido ao texto, e ouvir outros participantes possibilita que uns se apropriem de estratégias utilizadas por outros, ampliando sua proficiência leitora pessoal.

Uma boa ação na prática de leitura é ler e reler em voz alta para que a compreensão do texto seja melhorada. O professor deve fazê-lo em sala de aula e incentivar seus alunos a fazerem o mesmo. Antigamente a leitura em voz alta na escola servia para avaliar o desempenho nessa atividade, o que gerava desconforto. Hoje em dia perde-se essa questão avaliativa e punitiva, fazemos essa atividade por prazer, pelo bem maior da compreensão do que se lê. Ler e reler não consiste num método mecânico e decoreba, deve-se fazê-lo apenas para favorecer a compreensão e dar ritmo à narração.

O sarau e o teatro também devem ser trabalhados, desde os anos iniciais da alfabetização, pois propiciam a fluência. Essas atividades devem ser trabalhadas como projetos para seu desenvolvimento. Projetos cujo produto seja apenas uma atividade de leitura.

Cada professor escolhe quais gêneros textuais são adequados para sua turma. Não há razão para trabalhar atentamente bula de remédio com crianças no 1º ano do ensino fundamental, por exemplo. Há uma certa restrição.

“Se quisermos nos distanciar dessa restrição, precisamos estar cientes de que pensar em letramento na sala de aula implica considerar as práticas que ocorrem fora da escola, levando em conta os textos que circulam em diversos grupos sociais dos quais os alunos participam.” (CAMINI e PICCOLI, 2012, p. 25).

Neste caso, é fundamental descobrir quais são as funções da língua escrita no contexto em que os alunos estão inseridos e criar possibilidades, que farão a inserção dos alunos no mundo da escrita. Já foi mencionado que letramento não consiste em codificar e decodificar, mas também são conceitos importantes para aprender a ler e escrever. Essas habilidades devem ser dominadas paralelamente com as estratégias que levam à compreensão. Qualquer método utilizado por um professor que valorize apenas uma dessas categorias não tornará o aluno um leitor competente.

A LEITURA

A afirmativa de que "a leitura precede a escrita" se fundamenta na constatação ao longo dos anos de que a compreensão do mundo precede a habilidade de decifrar e interpretar símbolos escritos. Assim, a alfabetização e o letramento são processos complementares e distintos, ambos essenciais no ensino e aprendizagem da leitura e escrita. A escrita, como representação da linguagem verbal, está integrada ao cotidiano social de todos, seja nos letreiros de ônibus, placas de

trânsito ou fachadas comerciais.

A leitura e a escrita são atos históricos, sociais e culturais, o que implica que a alfabetização não se encerra ao final dos primeiros anos de escolarização. É um processo contínuo compartilhado entre professores, familiares e outros profissionais com quem o indivíduo interage ao longo da vida. Antes de decodificar palavras, frases e textos, os indivíduos interpretam o mundo ao seu redor. Assim, ler palavras é uma extensão natural da leitura do mundo, visto que as letras são elementos integrados ao ambiente cultural e social.

A teoria da psicogênese da escrita, formulada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979), também conhecida como construtivismo, redefine a escrita alfabética como um sistema notacional, indo além da mera decodificação. Esta abordagem filosófica e psicológica contrasta com métodos tradicionais de ensino, que tendem a restringir o processo educativo, muitas vezes levando ao fracasso escolar.

Não há consenso sobre um método único para garantir o letramento de todas as crianças em uma sala de aula. Portanto, é fundamental que os professores criem ambientes que promovam o contato significativo das crianças com a escrita e a leitura. Métodos tradicionais de cópia e memorização estão cedendo lugar a abordagens que incentivam a exploração e a aplicação prática do conhecimento adquirido.

O aprendizado da leitura e escrita vai além da simples repetição de sílabas. A diversidade de gêneros textuais disponíveis no cotidiano dos alunos enriquece suas hipóteses de escrita e acelera sua apropriação do sistema alfabético. As práticas sociais desempenham um papel crucial na construção do conhecimento sobre leitura e escrita desde os estágios iniciais.

Para que a reflexão sobre as palavras seja eficaz, é essencial que os alunos participem ativamente da leitura e produção de textos. Ao observar a leitura por parte de outros, os alunos absorvem conhecimento sobre diferentes gêneros textuais, suas características e propósitos, mesmo antes de conseguirem ler por si mesmos.

A entonação e o ritmo do professor ao ler para os alunos influenciam significativamente a compreensão textual. A aprendizagem de leitura e escrita em crianças deve ser complementada com atividades lúdicas que motivem o aprendizado, proporcionando um ambiente estimulante no qual a leitura seja uma atividade prazerosa e significativa.

A simples exposição a materiais escritos não é suficiente para ensinar leitura e escrita; é necessário que os materiais sejam utilizados em contextos autênticos e funcionais do dia a dia dos alunos.

Diversas estratégias de leitura podem ser implementadas em sala de aula, incluindo leitura pelo professor, leitura compartilhada, leitura pelo aluno e leitura para apresentação a outros. Cada atividade deve ser cuidadosamente planejada para evitar a monotonia e manter o interesse dos alunos.

A avaliação do nível de alfabetização e letramento de cada criança deve considerar suas habilidades individuais e o processo de aquisição de conhecimento ao longo do tempo. A avaliação

diagnóstica contínua é essencial para guiar a intervenção pedagógica e garantir o progresso educacional adequado.

A leitura é uma atividade complexa de ser avaliada, pois deixa poucos rastros documentais. Portanto, a avaliação deve focar na compreensão textual dos alunos e no conhecimento que possuem sobre os gêneros textuais estudados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da leitura e escrita deve ser iniciada desde cedo nas crianças, permitindo o contato com experiências reais e imaginativas que facilitam o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Este contato inicial é crucial para o estabelecimento de uma base sólida de habilidades linguísticas.

No contexto escolar, adotar uma abordagem de alfabetização letrada emerge como uma estratégia eficaz para que os alunos, ao final dos anos iniciais do ensino fundamental, não apenas dominem a leitura e escrita, mas também as utilizem de maneira socialmente integrada e prazerosa. É imperativo criar um ambiente alfabetizador desde os primeiros anos de escolarização, no qual a narrativa e a expressão dos alunos sejam incentivadas de forma natural. O papel do professor como mediador é fundamental: ele deve ler para os alunos, ler com eles e encorajar suas próprias leituras.

O processo de aprendizagem deve ser construído de maneira contínua, respeitando as diversas necessidades cognitivas, sociais e culturais dos estudantes. É essencial fornecer leituras significativas que se conectem às vivências diárias de cada aluno, promovendo um entendimento profundo e aplicável.

Além da escola, a família e a sociedade desempenham papéis cruciais na aquisição da leitura pelas crianças. A família contribui ao estimular e oferecer materiais escritos, ler em conjunto e realizar leituras em voz alta. Por outro lado, a sociedade, por meio de suas instituições, publicidades e conteúdos televisivos, influencia diretamente a criação de materiais que sejam acessíveis tanto para leitores quanto para aqueles que estão em processo de alfabetização.

Para avaliar o nível de escrita ou as hipóteses de escrita de cada aluno, o professor também deve avaliar seu desempenho em atividades práticas de leitura e escrita contextualizadas socialmente. Essa avaliação permite mapear as dificuldades individuais e implementar estratégias eficazes para superá-las, garantindo um progresso contínuo.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. 15ª edição. Porto Alegre. Artmed, 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª edição. São Paulo. Cortez, 1989.

CAMINI, Patrícia e PICOLI, Luciana. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço , tempo e corporeidade**. 1ª edição. São Paulo. Edelbra, 2012.

FRANCHI, Eglês. **Pedagogia do alfabetizar letrando – da oralidade à escrita**. 9ª edição. São Paulo. Cortez, 2012.

MORAIS, Artur Gomes. **Como eu ensino – sistema de escrita alfabética**. 1ª edição. São Paulo. Melhoramentos, 2012.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização – um processo em construção**. 6ª edição. São Paulo. Saraiva, 2015.